

Infâncias roubadas nas vozes que se calam: uma leitura do conto de fadas “Pele de Asno” [s.d.] contrapondo ao miniconto “Cicatriz” (2015)

Juliane Della Méa

Mestre em Letras

Universidade Regional Integrada (URI), Campus de Frederico Westphalen (R.S.)

E-mail: julianedellamea264@gmail.com

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6884-378X>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 1

Recebido em: 19/12/2019

Aprovado em: 08/11/2020

Resumo

Este estudo aborda a representação literária da violência infantil, procurando identificar os tipos de violência a que é submetida a criança e que estão problematizados ou abordados em narrativas literárias destinadas tanto ao público adulto quanto infantil. Estabelece-se, no processo de interpretação dos textos, uma inter-relação entre arte e sociedade, a fim de promover o aprofundamento de questões relativas ao tema e de ressaltar as semelhanças e diferenças entre as diversas formas de narrar e representar a violência infantil. Para isso, são examinados objetos artísticos produzidos em contextos socioculturais distantes de modo a analisar a violência contra a criança e a postura desta nas narrativas. Para desenvolver esta proposta, foi adotada a pesquisa bibliográfica e o método comparatista da Literatura Comparada, que fundamenta o cotejo de narrativas produzidas em épocas distintas. O estudo será amparado teoricamente em proposições de Henry Remak (1994), comparatista americano, Sigmund Schlomo Freud (1905), Antonio Cândido (2000), dentre outros. A análise comparatista envolve o exame de dois objetos literários: um conto de fadas e um miniconto. Para isso, são cotejados o conto “Pele de Asno”, do escritor francês Charles Perrault, e o miniconto “Cicatriz”, de Flora Medeiros, textos que espelham a sexualidade, especificamente a questão do incesto. Sob olhar reflexivo acerca das narrativas e levando em consideração o impacto da violência estrutural e conjuntural nas relações interpessoais e sociais, a qual interfere na configuração dos textos literários, constata-se que as duas narrativas, em termos estéticos e conteudísticos, problematizam a violência contra a criança e expressam um valor social por possibilitar a ampliação da quebra do silêncio na literatura ao tratar de abusos corporais e psíquicos projetados na infância, dando, assim, representatividade à infância roubada e aos sujeitos-crianças cujas histórias são repletas de práticas de violência.

Palavras-chave:

Infância; Família; Violência.

1 Introdução

A Literatura Infantil nasce das narrativas orais (fábulas), principalmente as orientais, quais eram transmitidas de geração em geração, desde séculos antes de Cristo. Essas histórias tinham por objetivo repassar a cultura e a tradição do povo, suas normas, valores, ética e vivências, através das histórias adaptadas e criadas simbolicamente conforme a intenção do narrador e do meio onde vivia.

Dentre as narrativas orais, inclui-se o conto de fadas, cuja origem não pode ser datada precisamente, uma vez que os primeiros registros dessas histórias estão em sermões de pregadores medievais que utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais impostos pela sociedade.

No começo, os contos ainda não eram de *fadas*. Até o século XVII, as crianças conviviam igualmente como os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças.

Segundo Regina Zilberman,

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (1985, p.13)

Importante destacar que, até este século as crianças não eram percebidas socialmente como seres diferentes dos adultos, como ressalta Ariès (1981), as crianças viviam num completo “anonimato”, compartilhando as mesmas roupas, comidas e afazeres com os adultos, sem nenhuma distinção e ou diferença.

A partir do século XVIII, a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Sendo necessária uma educação diferenciada, que a preparasse para a vida. A literatura infantil nasce então, neste momento, com o intuito de transmitir os valores desse novo modelo familiar centrado na valorização da vida doméstica, fundada no casamento e na educação de herdeiros.

Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho afirma que a literatura infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5).

A literatura infantil passa a ser uma ferramenta para a “educação” das crianças burgueses, em meio a essa nova reorganização familiar e, nasce assim, a aliança entre escola e literatura para a infância.

Acordando, novamente, com Nelly Novaes Coelho (1991), a literatura infantil surge de fato na França, na segunda metade do séc. XVIII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente à preocupação com a literatura para crianças e jovens. As Fábulas (1668) de La Fontaine; os contos da mãe gansa (1691/1697) de Charles Perrault; os Contos de Fadas (8 volumes-1696-1699) de Mme D’Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil. Consagrando assim, a França, através de seus grandes literários, o berço da literatura infantil no mundo.

A literatura infantil brasileira surgiu tempos depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começaram a ser publicados os primeiros livros para crianças no Brasil como afirma Zilberman e Lajolo (1986):

[...] a tradição de As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p.23).

Porém, essas publicações, segundo as mesmas autoras, eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira, regular, para a infância e somente após a Proclamação da República é que se iniciou de fato uma literatura infantil brasileira. Contexto reafirmado por Cunha (1987), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

Entretanto, com o surgimento da urbanização acelerada, devido aos aumentos dos postos de exportação, surgem também mais oportunidades de emprego e há um crescimento no consumo de produtos culturais, os quais são vistos como um bom recurso para desenvolver a economia. O consumidor infantil passa a ser valorizado e a escola ganha destaque como instituição fundamental na adaptação do homem rural nas cidades, servindo aos interesses da burguesia que ascendia.

Em 1905, é publicada a revista O Tico-Tico para diferentes faixas de idade, que de certa forma valorizava os padrões da burguesia. Foram através de apelos nacionalistas e métodos pedagógicos que se estimulou o aparecimento de livros infantis brasileiros, pois até então só tínhamos obras estrangeiras que surgiram nos últimos anos do século XIX, traduzidas e adaptadas, muitas delas por Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. Por conta deles, circulavam no Brasil Contos seletos das Mil e uma noites (1882), Robinson Crusóe (1885), Viagens de Gulliver (1888), Dom Quichote de La Mancha (1901), dentre outros. Os contos clássicos de Grimm,

Perrault e Andersen eram divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896); assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

A criação da biblioteca infantil brasileira ocorre em 1915, em São Paulo, efetuada pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, o qual tinha um acervo com cerca de 100 livros famosos dentre eles: Dom Quixote, As aventuras de Gulliver, contos folclóricos e versões dos irmãos Grimm, de Perrault de Andersen e outros.

No entanto, a literatura infantil brasileira, nesse período, apropriou-se de um projeto educativo ideológico, provindo da Europa. Zilberman e Lajolo afirmam que:

Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores... (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 34).

Nesta época, pouco se escrevia para crianças e as poucas obras que havia eram distantes da condição infantil, pois se valorizava a literatura ideológica para crianças.

Pode-se dizer que a literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, na década de 1920, fornecendo a nova fase da Literatura Infantil Brasileira como afirma Nelly Novaes Coelho: “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje...” (COELHO, 1991, p. 225).

Notório que a produção literária infantil, no Brasil e no mundo, relaciona-se às práticas sociais de cada época, ou seja, é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial/social/cultural que tem por intuito a reflexão perante o contexto do objeto apresentado.

Contudo, Candido (1995) enfatiza o que há de se compreender quanto à literatura infantil, bem como a literatura como um todo: “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção” (p. 245). Por vezes a realidade se faz tão massacrante e cruel, que a reflexão sobre determinados atos explanados pelos meios de comunicação não sensibilizam como deveriam, incumbindo à literatura a tarefa de humanizar.

Assim, os contos de fadas eram um alerta para as classes populares, pois, ao transcrever a realidade condicionada à população, expunham conflitos contundentes que seguem a humanidade até os dias de hoje, como o ódio, a inveja, o desejo, o individualismo, a maldade, o amor violento, dentre outros. Diante disso, ao se ler um conto de fadas e tendo em vista que sua origem está ligada a uma

“leitura” da realidade de classe, é possível discutir o contexto de produção da narrativa, numa articulação entre literatura e vida social.

Nessa perspectiva, recorrendo novamente a Antonio Candido, quanto afirma que “o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno” (CANDIDO, 2000, p. 6), uma vez que a cultura social perpassa o texto, através da percepção do autor, perfazendo um produto de influência social.

Na atualidade, a sociedade moderna se encontra em constantes mudanças, absorvendo de forma muito rápida o externo (referido por Candido) que a cerca, e a literatura não poderia deixar de se adaptar ao frenesi da busca pelo imediato, pelo simplificado, pelo novo. Nesse contexto, surgiu o miniconto, espécie de conto muito pequeno, minimizado, segundo Giulio C. Argan (1992, p. 32). No entender de Graça Paulino, que classifica o miniconto como gênero literário, é “um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor” (2001, p. 137), como *feedback* da própria existência real.

David Lagmanovich, em antologia sobre o miniconto hispânico, *La outra mirada* (2005), deixa claro que a produção literária minimizada dos séculos XX e XXI é um relato curto chamado de miniconto e, embora a Teoria da Literatura não aprove esse conceito, ele insiste que

“as narrativas breves sempre existiram nas composições dos sumérios, nos escritos bíblicos, na narrativa oral africana, (...) mas ao fazer um corte temporal pensamos no desenvolvimento de um gênero literário com leis próprias” (LAGMANOVICH, 2005, p. 10).

Leis estas, que o tornam em sua estética e intensidade uma nova criação do século atual, cuja tendência é mostrar e ou sugerir ao leitor que preencha as elipses narrativas e entenda a história por trás da história em culminância as suas vivências, experiências e posicionamentos.

A verossimilhança da literatura para com a realidade, existente na antiguidade, reporta-se para a atualidade embora com formatação distinta, simplificada e instigante. O que antes era tido como protótipo de conduta a ser seguida, hoje permite a liberdade de levantamento de hipóteses e conclusões mediante reflexões propostas pela obra, pois essa é um fato plausível de exame. Por isso, propomos o cotejo de narrativas distanciadas no tempo e que apresentam um tema em comum.

Esta análise comparatista envolve o exame de dois textos literários: um conto de fadas e um miniconto. Para isso, são cotejados o conto “Pele de Asno”, do escritor francês Charles Perrault, e o miniconto “Cicatriz”, de Flora Medeiros, textos que espelham a sexualidade, mais especificamente a questão do incesto. Sobre

olhar reflexivo acerca das narrativas e levando em consideração o impacto da violência estrutural e conjuntural nas relações interpessoais e sociais, a qual interfere na configuração dos textos literários, constata-se que as duas narrativas, em termos estéticos e conteudísticos, problematizam a violência contra a criança e expressam um valor social por possibilitar a ampliação da quebra do silêncio na literatura ao tratar de abusos corporais e psíquicos projetados na infância, dando, assim, representatividade à infância roubada e aos sujeitos-crianças cujas histórias são repletas de práticas de violência.

2 Ouvidos atentos e vozes caladas

Contar histórias é uma atividade que acompanha o homem desde sua origem. Nos tempos primórdios, as gravações em pedras narravam a maneira como eram concebidas as conquistas humanas. Com o uso da linguagem, o próprio homem transmitia oralmente, histórias que eram perpassadas entre gerações, contando a origem de determinado povo, de objetos, de lugares. Visto que a linguagem organiza, valoriza e investiga, trazendo à superfície imagens, histórias e conceitos construídos ao longo de um percurso pessoal, o ato de transmitir essas considerações ganha a nomenclatura de narrativa.

Os contos analisados são narrativas que permeiam não apenas no campo infantil; mas o social, porque além de exibirem uma temática polêmica, apresentam vozes caladas e sofredoras, relatos de amores e humilhações; aspectos relevantes para uma análise detalhada no entorno do conceito humanitário; uma vez que, são vozes infantis intimidadas por atitudes de seus genitores.

Como apontado, estas narrativas (ressignificadas na França), passaram por diversas adaptações através dos tempos, todavia, ainda trazem em sua essência características da cultura europeia, apresentando valores bastante demarcados, como os conceitos de bem/mal, certo/errado, felicidade/infelicidade, belo/feio, entre outros.

Os livros de Literatura Infantil apresentam histórias de como o adulto quer que a criança veja o mundo; a ficção infantil traz com maior liberdade à imaginação, a fantasia, fazendo com que a criança passe as fronteiras do realismo. “E essa propriedade, levada às últimas consequências, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade desenhada nem sempre seja renovadora ou emancipatória” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2010, p. 19).

Dessa forma, o escritor adulto transmite ao seu leitor mirim, uma realidade histórica, buscando aceitação afetiva e intelectual da criança. A Literatura Infantil equilibra a reunião do texto do universo afetivo e emocional da criança.

Por intermédio desse recurso, traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que, se exige, para efeitos de análise, a atitude decifradoras do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010, p. 20).

Realidade essa, que por deveras não é tão boa assim, muitas vezes não permite a intervenção da magia ou do encantamento e nem ao menos promove um final feliz a história.

A violência sexual ocorre desde a antiguidade em todas as sociedades, fato que persiste em muitos núcleos familiares, independente de padrão social ou econômico, apesar de ser mais visível, por ser mais denunciada nas classes menos favorecidas. Como afirma os autores Azevedo e Guerra (1988),

desde que o mundo é mundo, a criança tem sido vítima de toda sorte de explorações, inclusive e principalmente de natureza sexual (princípio nº 9 da Declaração) no entanto, sua denúncia tem tido pouco eco, abafado pelo “complô do silêncio” com que a sociedade em geral e os especialistas, em particular, têm procurado encobrir “temas impertinentes”. Por sua vez, a própria ideia de exploração sexual da infância é conquista recente, na medida em que se assenta em um duplo reconhecimento – o da existência de um padrão assimétrico de relações sociais entre gerações – o padrão adultocêntrico e o da concepção da criança como cidadão, sujeito de direitos, e não como menor de idade, passível de ser objeto do prazer adulto (AZEVEDO; GUERRA, 1988, p. 5-6).

No processo evolutivo da sociedade, a construção do conhecimento sobre a infância e adolescência vem permitindo vislumbrar suas necessidades e características específicas, promovendo o entendimento que, o desenvolvimento da sexualidade dessa categoria social deve ser preservado a toda e qualquer sedução, dominação ou coerção adulta. O relacionamento sexual adulto/criança passa a ser tanto uma questão normativa e política quanto clínica, podendo deixar graves e perpétuas sequelas no desenvolvimento pessoal humano.

Ao analisar a narrativa “Pele de Asno”, de Charles Perrault (século XII) - um dos contos de fadas de maior conhecimento dentre a sociedade e cujo principal público deveria ser o infantil -, é notória a manifestação do desejo carnal e incestuoso por parte do pai para com a filha, que para livrar-se do assédio foge de casa. Isso, contudo, não ocorre no miniconto “Cicatriz”, de Flora Medeiros, publicado no século XXI, narrativa em que a filha permanece no convívio do pai que a molesta e violenta sexualmente.

O conto de Charles Perrault traz a história de um rei muito bom. Ele então escolhe para ser sua rainha uma mulher encantadora, linda, serena e doce; do casamento nasce uma menina “muito prendada, e assim sendo, o casal se consolava de não ter outros filhos” (PERRAUT, s.d. p.39); algum tempo depois, a rainha fica muito doente, e faz um último pedido ao seu esposo, de jurar casar-se apenas quando encontrar outra mulher que tenha melhores talentos que ela. No miniconto “Cicatriz”, observamos uma célula familiar desconstituída, uma criança

que diferente do conto de fadas de Charles Perrault, encontra-se na maior parte do tempo sozinha “a casa vazia” (MEDEIROS, s.d.), sugerindo ao leitor sobre a presença ou ausência temporária materna.

Ambas as narrativas são escritas em primeira pessoa, o que permite uma subjetividade maior por parte do narrador e um envolvimento intenso por parte do leitor. O narrador expressa seu ponto de vista, detalhado e com caráter utilitário; em “Pele de Asno”, Perrault, ao fim do conto, expunha uma moral, segundo a sua convicção: “Esta história mostra que é preferível expor-se aos maiores sofrimentos, a faltar a cumprir o dever, pois a virtude pode ser desprezada e infeliz, mas sempre será premiada.” (PERRAUT, s.d. p.55). Esse era um aspecto formal presente em seus contos.

O miniconto “Cicatriz”, por sua vez, não traz uma moral exposta de forma direta, mas uma afirmação incisiva, que transmite ao leitor sentimento de repúdio, quando o narrador relata que “O lençol ficou todo sujo de sangue. Eu pus de molho na cândida, mas a mancha não saiu.” (MEDEIROS, s.d.), confirmando o que Walter Benjamin (1994, p. 200) afirma sobre a narrativa e seu caráter utilitário: nela, o narrador expressa um ponto de vista, “seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa forma de vida”, visto que expõe uma experiência vivida que pode ser refletida e confrontada com a realidade social existente.

Ao reportar o conto de fadas sobre uma óptica incestuosa, podemos citar como fato maior o momento em que o rei pede a protagonista em casamento; a princesa fica apavorada, percebendo que cometeriam um incesto se a união fosse realmente consumada – na época o casamento era consumado pelo ato sexual propriamente dito – o que a faz fugir de casa, seguindo o conselho da Fada Madrinha, depois de várias tentativas falhas para evitar o pai.

Preso ao juramento que fizera, o rei percebeu que “só a Princesinha era mais bela e possuía certos lindos predicados, que a falecida mãe não possuía. O próprio Rei o notou, e loucamente apaixonado tomou a estranha resolução de casar-se com ela” (PERRAUT, s.d. p. 42). Apesar desse “bizarro projeto” caracterizar-se como incestuoso e, em razão disso, ser proibida segundo os preceitos morais cristãos, vigentes à época e válidos até os dias atuais, não há obstáculos ao casamento, por se tratar da vontade autoritária do rei.

Esse poder autoritário manifestado na sociedade patriarcal, onde ao homem é conferida a competência de decisão, escolha e ação, evidencia-se na narrativa do miniconto: “Meu pai tirou a calça e me mandou deitar” (MEDEIROS, s.d.).

A prática da violência parte por quem tem função institucional da proteção (pai) com horário e local. A perversidade com que o pai age para com a filha é gigantesca, e em sua inocência, a criança confia no adulto de tal modo que se cala perante o ato violento. A violência apresentada no miniconto passa de psicológica a física em fração de dias.

A fragilidade e impotência da criança frente ao desejo do patriarca acabam por suscitar novamente a representação de sistemas de valores, cujas “narrações em primeira pessoa, as representações etnográficas da vida do cotidiano ou da política também correspondem às necessidades e tendências da esfera pública” (SARLO, 2007, p.115), ou seja, a autora, ao dar voz à personagem, dá voz às inúmeras vítimas de violência cometida no seio familiar e que se calam diante da barbárie, fazendo com que conto e miniconto incisam a linha tênue entre o amor fraternal e sexual em um deslocamento da noção de sujeito e hierarquia dos fatos, destacando os pormenores cotidianos.

Para a criança, a manifestação de afeto por parte da família é algo de suma importância, porém é traumática quando um adulto a assedia sexualmente. Mesmo pressentindo com estranheza determinados atos fora do arco do afeto verdadeiro, dadas as suas condições de dependência dos adultos, elas têm dificuldade de reagir. Abrindo precedentes para condutas de desvio moral: casamento do rei com a princesa no conto de fadas e estupro do pai para com a filha no miniconto.

Além desses aspectos, é pertinente destacar que “Pele de Asno” e “Cicatriz” representam o caminho do amadurecimento e da construção da identidade feminina. A princesa, ao fugir de casa como uma menina, no término do conto demonstra atitudes de mulher, ao casar-se e perdoar o pai que tanto lhe fez sofrer.

Mas nenhum príncipe potentado exibiu luxo mais deslumbrante do que o pai da noiva, o qual, com o tempo, se esquecera da antiga paixão, conservando apenas, e ainda mais vivo, o seu afeto paternal. Assim que a viu, correu para ela, chorando de alegria, beijou-a ternamente e disse:

- Bendito seja o Céu, que me permitiu encontrar-te, minha filha querida! (PERRAUT, s.d. p. 54).

Perfazendo o horror emocional e sentimental vivenciado, no decorrer do miniconto pela protagonista, a transição de fases menina/mulher não ocorre de forma figurada (como no conto) e sim física, narrada de maneira precisa e brutal permitindo que o leitor reviva a cena de violência e preencha as lacunas das entrelinhas, o que o torna de certa forma instigante e revoltante, “naquele dia foi diferente. Meu pai tirou a calça e me mandou deitar. — Fica quietinha, filha, fica. Não vai doer nada” (MEDEIROS, s.d.).

Os contos evidenciam a criança como elemento de fetiche do pai, por ser objeto de desejo nos dois casos. Desta forma, em ambas as situações retratadas nas narrativas, a filha está ligada amorosamente ao pai, cujos desejos entre o amor fraternal e sexual se contrapõem, caracterizando o que Freud descreve por fetiche, sendo que o amor do príncipe é considerado normal e o amor incestuoso do pai de caráter perverso. Freud nos diz que:

O ponto de ligação com o normal é proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual, que se propaga

inevitavelmente por tudo o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o alvo sexual normal é inatingível ou sua satisfação parece impedida (...) (FREUD, 1905, p.145-146).

Ambas as meninas (do conto e do miniconto) vivem um drama amoroso no contexto familiar, uma vez que o amor paterno, tido como normal, mescla-se ao desejo sexual. No entanto, são nítidas a dor e frustração em ver aquele que deveria ser seu cuidador transformar-se no protagonista de um trauma que deixará sequelas e marcará toda a sua vida, como o próprio título da narrativa sugere “Cicatriz”. Esse título, aliado ao teor tenso da história, faz do miniconto uma narrativa de profunda reflexão entre normal e insano, uma vez que o pai se dispõe a retribuir sexualmente seu amor, consumando o ato do estupro, transcrito de maneira insinuada pela própria filha, “O lençol ficou todo sujo de sangue. Eu pus de molho na cândida, mas a mancha não saiu” (MEDEIROS, s.d.).

O abuso sexual infantil raramente deixa marcas visíveis e o silêncio por parte das vítimas e até mesmo dos demais familiares impossibilita uma ação eficaz para a prevenção dessa prática, que segue se alastrando dentro do contexto social existente. Esse silêncio é definido por Tilman Furniss (1993) como síndrome do segredo, e o autor enumera fatores internos e externos que contribuem para essa condição.

A falta de evidências médicas e de elementos para comprovar o abuso sexual infantil, a necessidade de acusação verbal por parte da criança, a falta de credibilidade ao menor, as consequências da revelação, ameaças físicas e psicológicas, distorção da realidade, medo de punição pela ação que participou, a culpa da criança, a negação e a dissociação (FURNISS, 1993, p. 29).

Tendo em vista os fatores mencionados, o silêncio possui outros agravantes: a criança fica propensa do convívio do agressor (pai), temendo por ser responsável a um possível término do casamento dos pais, afastamento da mãe ou descrédito de seu depoimento, ficando a mercê de seu agressor, como percebemos em “Eu odiava o barulho da porta do meu quarto fechando. Sempre na mesma hora. Depois da escola, com a luz apagada, a casa vazia” (MEDEIROS, s.d.), mergulhada num calo profundo, por medo da revelação.

Em “Pele de Asno”, a criança sofre o excesso de amor e afeição por parte de seu pai que, na falta da presença materna, se sente liberado para perseguir de modo erótico sua própria filha. No miniconto “Cicatriz”, a mãe não é citada, o que expede a dúvida de sua condição como protetora ou o desconhecimento dos fatos ocorridos durante a volta da escola, em sua ausência.

Ainda sobre elementos narrativos das duas histórias, cabe registrar que “Pele de Asno” se destaca por apresentar uma princesa: ativa, corajosa e vigorosa, que encara o mundo desconhecido, para não se submeter aos caprichos do pai. Já o

miniconto insinua a existência de uma criança que sofre humilhações e, posteriormente, é condicionada a submeter-se aquela situação horrenda, de submissão, perceptível na passagem em que a criança lava o próprio lençol, permanecendo calada.

O miniconto “Cicatriz” transmite ao leitor um sentimento constrangedor e de repúdio pelas situações de incesto e abuso sexual em que a criança é exposta em sua própria casa, sem que possa simbolizar e transformar essas experiências tão nefastas, cujas marcas serão carregadas pelo resto de sua vida. E ainda, tendo a possibilidade dessas ações repetirem-se por várias vezes, durante muitos anos.

Corroborando com a consideração exposta, o conto de fadas deixa explícito que ocorrências desse tipo não desaparecerão tão breve, Perrault no último parágrafo de sua narrativa escreve: “Na história de “Pele de Asno” é difícil acreditar. Mas, enquanto no mundo houver crianças, mães e avós, sempre há de ser repetida” (PERRAUT, s.d. p. 55), sugerindo o que Sarlo (2007) entende pela narrativa em primeira pessoa:

A literatura, é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela o narrador sempre pensa *de fora* da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo (SARLO, 2007, p. 119).

Esse pesadelo do abuso sexual na infância afeta não apenas a coletividade em si, mas a memória e a história de milhares de crianças que convivem diariamente com esse pesadelo dentro de seus próprios lares; crianças em que o sofrimento fica restrito às cicatrizes, calando sonhos e projeções futuras, que a literatura com seu papel humanizador (CANDIDO, 2000), convida a sociedade a refletir.

3 Considerações Finais

A Literatura Infantil sofreu transformações com a evolução tecnológica, social e econômica. Os primeiros clássicos infantis foram repaginados, reescritos, modificados com o passar dos anos. Porém histórias escritas por autores consagrados, como Perrault, Andersen, Irmãos Grimm, mantêm sua essência e são lidas atualmente por crianças, jovens e adultos, pois apresentam narrações populares, que valorizam a imaginação e a fantasia.

Porém, o século XXI não brinda a sociedade com a fantasia e nem ao menos com uma “Fada Madrinha” capaz de aconselhar e de certa forma proteger as crianças, como em “Pele de Asno”. O miniconto “Cicatriz”, enfocando uma realidade contrária a essa, demonstra a ausência de um entorno social, familiar, institucional e jurídico que ampare a criança vítima de violência sexual.

Acordando com Antonio Candido (2002), quando afirma que a função da Literatura é humanizar o homem, abordar funções psicológicas, formadoras e sociais, fazendo despertar no leitor emoções, sentimentos e até mesmo revolta, o que as duas narrativas examinadas permitem reconhecer é que é doloroso pensar que a mesma literatura com papel humanizador retrata com nitidez um problema social alarmante.

Através da leitura do conto “Pele de Asno” e do miniconto “Cicatriz”, além da reflexão sobre um comportamento social impróprio e inaceitável, é possível se sensibilizar diante de um fator de violência infantil, muitas vezes não denunciado e escondido pelo sistema de organização social vigente.

Nessa perspectiva de que a Literatura contribui para a formação humana, interpretar não é apenas entender o que o texto diz, mas extrair dele significância e sentido para a própria vida. Partindo desse pressuposto, conclui-se com esse trabalho que desde os tempos primórdios a violência sexual contra crianças já era simulada através da Literatura, mesmo sendo camuflada dentro dos Contos de Fadas, e os problemas familiares e as inquietações da alma afligiam a sociedade, demonstrando a realidade vivenciada pelos seus membros.

Na atualidade, essa mesma realidade vem à tona, embora de forma mais clara, direta e sucinta, colocando em xeque e choque as relações intrafamiliares e rompendo a cumplicidade silenciosa estabelecida no núcleo familiar, para que a sociedade imponha uma rede de comunicação, pela qual se possa ser capaz de pensar, ouvir, denunciar e julgar o mais rápido possível esses atos de violência sexual infantil.

Referências

- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. N. A. *Pele de asno não é história... um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Roca, 1988.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____ *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235 - 263.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. *A literatura e formação do homem*. In: Textos de Intervenção. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. 4 ed. Ática, 1991.
- CUNHA, M. A. A. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- FREUD, S. (1905). *Três Ensaio Sobre Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FURNISS, T. *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos*. São Paulo: Global ed., 1986.
- LAGMANOVICH, D. (org.). *La otra mirada: antología del microrrelato hispánico*. Valencia: Menoscuatro, 2005.
- MEDEIROS, F. *Cicatriz*. Disponível em: <<http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>>. Acesso em: 12 de out. 2015.
- PAULINO, G. *et al. Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- PERRAULT, C. *A bela Adormecida no Bosque e Outras Histórias Bonitas*. São Paulo: Brasil, [s.d].
- SARLO, B. *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

Infancy stolen in the voices that if are silent: a reading of the story of fairies “Pele de Asno” [s.d.] opposing to the ministory “Cicatriz”(2015)

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 6

Number 1

Received in: 19/12/2019

Approved in: 08/11/2020

Abstract:

This study it approaches the representation literary of the infantile violence, looking for to identify to the types of violence the one that is submitted the child and that they are problematizados or boarded in literary narratives destined in such a way to how much infantile the adult public. It is established, in the process of interpretation of the texts, an interrelation between art and society, in order to promote the deepening of relative questions to the subject and to stand out the similarities and differences between the diverse forms to tell and to represent the infantile violence. For this, artistic objects produced in distant sociocultural contexts are examined in order to analyze violence against the child and the position of this in the narratives. To develop this proposal, it was adopted the bibliographical research and the comparatista method of the Compared Literature, that bases cotejo of produced narratives on distinct times. The study it will be supported theoretically in proposals of Henry Remak, American comparatista, Sigmund Schlomo Freud, Antonio Cândido, amongst others. The comparatista analysis involves the examination of two literary objects: the story of fairies and the ministory. For this, they are cotejados the story “Skin of Donkey”, the French writer Charles Perrault and the ministory “Scar”, of Flora Medeiros, texts that espelham the sexuality, specifically the question of the incest. Under looking at reflexive before the narratives and taking in consideration the enormous o impact of this structural and conjunctural violence in the interpersonal, the sexual abuse of the child, denounced or silenced relations, they demonstrate how much it is urgent to make to detect these corporal and psychic abuses in infancy to make to be valid the legal rights that the children have, as well as breaking the barrier of silence, in order to guide them in the direction of if protecting and denouncing any form of abuse, in the social context which if inserts.

Keyword:

Infancy; Family; Violence.